

CAPOEIRA E IOGA: ENSAIANDO OS PRINCÍPIOS DE JUSTIÇA E DESCOLONIZAÇÃO CURRICULAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Danylo Aurélio Santos
EMEF Professor Carlos Pasquale

Este trabalho foi desenvolvido com educandas e educandos de turmas do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, localizada no bairro do Itaim Paulista, extremo leste da capital paulista. O trabalho ocorreu entre os meses de fevereiro e julho de 2015.

A opção pelo estudo da Capoeira e da Ioga surgiu em conversas informais com as crianças no começo do ano letivo, quando discutíamos as manifestações corporais que seriam tematizadas durante aquele primeiro semestre. Como já havia lecionado em anos anteriores para aquele grupo de alunos (as), percebi que não havíamos estudado nada referente aos conteúdos Ginástica e Lutas. Expus esta percepção às crianças esclarecendo que a Educação Física não se resumia apenas aos esportes coletivos e às brincadeiras e relembramos os anos anteriores onde havíamos estudado temas como atletismo e samba. Então decidi orientar o processo de mapeamento no sentido de continuar tentando promover equidade, justiça e descolonização curricular¹, incitando as crianças a manifestarem-se quanto às lutas e tipos de ginástica que conheciam. Ouvindo as falas das crianças e realizando algumas reflexões e ponderações pessoais, optei por escolher Capoeira e Ioga como manifestações corporais a serem estudadas durante o semestre, mesmo não sendo os temas que surgiram majoritariamente nas conversas realizadas com as crianças. A Capoeira foi escolhida levando-se em consideração dois fatores: A lei 10.639/13, que prevê a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira; e o relato empolgado da educanda Lara² revelando que seu pai era Capoeirista! Sendo assim, informei minha decisão às crianças e destinei o primeiro bimestre para a Capoeira.

Iniciei as discussões sobre tema com um questionário para identificar os saberes e expectativas da turma quanto à manifestação corporal. Algumas das perguntas foram as seguintes:

¹ Segundo Neira e Nunes (2009), a articulação entre os princípios de justiça curricular e descolonização, implica por parte do educador buscar romper com a visão eurocêntrica do currículo e tratar com a mesma dignidade práticas corporais de origem euro-estadunidense e práticas corporais oriundas de outros povos e grupos culturais que tradicionalmente são marginalizadas dentro do currículo escolar.

² Nome fictício

1. O que você conhece sobre a Capoeira?
2. Você conhece algum movimento da Capoeira?
3. Você pratica ou conhece alguém que pratica Capoeira?

A partir das falas dos alunos e das respostas no questionário, recorri ao Documento de Orientações Curriculares para a Educação Física, produzido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, e adaptei as seguintes expectativas:

- Identificar aspectos nominais e factuais referentes às lutas abordadas, adotando a terminologia específica da modalidade;
- Reconhecer materiais de uso para as práticas;
- Buscar defrontar-se com todos, independentemente de questões de gênero, sexualidade, raça, etnia ou biótipo.

Nas aulas seguintes, para contemplar um dos objetivos propostos, iniciei as vivências corporais realizando uma brincadeira chamada “Fui pego na Capoeira”. A brincadeira consiste numa variação do pega-pega, na qual um(a) ou mais pegadores(as) denominam-se Capitães do Mato, tendo como objetivo, capturar os(as) escravos fujões e leva-los de volta para a senzala. Lançando mão desta brincadeira, problematizei com as crianças uma das hipóteses para a origem da Capoeira e procurei atribuir significado a algumas palavras utilizadas, como senzala, capitão-do-mato e escravo. Na sequência do projeto, trouxe algumas ilustrações com movimentos da Capoeira e seus respectivos nomes e solicitei que os alunos fizessem a leitura e vivenciassem os movimentos livremente com os(as) colegas. Foi interessante observar que, a maioria das crianças evitava realizar os movimentos com outra de gênero diferente. De certa forma, tal fato não me surpreendeu, pois, embora minha prática pedagógica busque ir ao sentido contrário, observei que há um certo currículo oculto ainda presente na unidade escolar, que segrega meninos e meninas, como exemplo a separação por gênero na formação de filas.

Na aula seguinte, pensando em problematizar esta questão de gênero e buscando ampliar e aprofundar os saberes das crianças acerca da Capoeira, propus a assistência de um curta-metragem chamado Maré Capoeira³, que entre explicações específicas sobre a história da Capoeira, nomes de instrumentos, golpes e outras terminologias próprias, mostra pessoas de diferentes biótipos jogando Capoeira e principalmente apresenta um menino e uma

³ Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=mare_capoeira

menina que se conhecem a partir de uma roda de Capoeira onde ambos jogam juntos. Desta atividade, solicitei que as crianças produzissem um texto expondo suas impressões sobre o filme. Nas aulas subsequentes, ocorreram mais vivências de movimentos da Capoeira, porém percebi que o vídeo influenciou no sentido de que algumas crianças tomaram a iniciativa de se organizarem em pequenas rodas para jogar. E nestes agrupamentos reuniam-se meninos e meninas. Outra contribuição importante foi a visita do pai da aluna Lara, a mesma que havia se manifestado no início do projeto. Ele realizou uma vivência com as crianças, onde relatou sua experiência de mais de duas décadas de Capoeira, tendo atingido o estágio de contramestre, e realizou uma espécie de oficina, apresentando alguns cânticos, ensinando algumas movimentações e golpes. Cabe ressaltar que esta visita havia sido combinada na semana anterior e as crianças já o aguardavam. Após a vivência, o contramestre respondeu a algumas perguntas feitas pelas e crianças e se prontificou a voltar em outro momento para a realização de uma roda de Capoeira. As crianças empolgaram-se bastante!

Demos sequência nos estudos realizando mais vivências corporais e realizando a leitura de dois textos que tratavam da organização de uma roda de Capoeira. Assistimos também a um vídeo⁴ produzido pelo Ministério da Cultura que explica os rituais e códigos que compõem a Roda de Capoeira, considerada patrimônio cultural imaterial da humanidade. O vídeo e os textos se complementaram e proporcionaram uma ampliação bastante significativa nos saberes do grupo. Após esta etapa as crianças realizaram uma avaliação escrita elaborada por mim como mais uma forma de registro e acompanhamento do projeto. A finalização do trabalho ocorreu com mais uma visita do pai da Lara, conduzindo uma grande roda de capoeira.

IOGA

A ioga foi o tema de estudo do segundo bimestre. Foi escolhida considerando-se o mapeamento realizado no início do ano letivo juntamente com a capoeira, com a proposta de descolonizar o currículo. O mapeamento foi realizado orientado pelas falas das crianças quanto as suas representações acerca desta manifestação corporal. Algumas delas arriscaram-se afirmando que a ioga era uma ginástica oriental. Outras falaram que era uma forma de relaxamento, e que servia para acalmar. Considerando estas falas, adaptei e levei

⁴ Ministerio da Cultura. IPHAN. Roda de Capoeira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_HeWO3vmCXY. Acesso em: 20 mar 2015

para leitura e discussão, um texto⁵ que explicava brevemente o que era a ioga. Com base nestes primeiros passos, e considerando o Projeto Político e Pedagógico da escola, cujo eixo central daquele ano foi o Programa Mais Educação São Paulo⁶, elenquei as seguintes expectativas de aprendizagem:

- Reconhecer e vivenciar as formas ginásticas que ocorrem em outros grupos culturais;
- Vivenciar os movimentos ginásticos pertencentes aos diversos grupos culturais;
- Perceber o próprio corpo e busca posturas e movimentos não-prejudiciais nas situações de prática.

Em seguida, iniciamos as primeiras vivências corporais. Combinamos que nas primeiras aulas eu pesquisaria e traria exemplos de exercícios e posturas da ioga para experimentarmos e que nas aulas posteriores organizaríamos outras estratégias de vivência. Nas aulas seguintes continuei trazendo exemplos de posturas da ioga, mas sugeri que as crianças fizessem a leitura das imagens e demonstrassem para as(os) demais colegas, continuando assim, a resignificação da ioga, de modo que as próprias crianças pudessem construir as suas representações acerca das posturas, que na ioga recebem o nome de âsanas.

Para ampliar e aprofundar mais os saberes das turmas acerca desta manifestação corporal, combinei com as crianças que iríamos investigar e conhecer as diferentes ramificações da ioga. Para tal, organizaríamos grupos para apresentações em formato de seminário. Foram reservadas duas aulas para organização dos grupos, orientações gerais e sorteio dos temas, que de acordo com pesquisa⁷ prévia feita por mim, foram os seguintes: Ashtanga Ioga, Hatha Ioga, Power Ioga, Iyengar Ioga, Kundalini Yoga, Acro Ioga e Raja Ioga. Elaborei

⁵ DARIDO, S (Org.). Educação Física Escolar – Compartilhando experiências. São Paulo: Phorte, 2011. p. 220

⁶ Programa de reorganização e reorientação administrativa e curricular da rede municipal de São Paulo implementado em 2014 pela gestão do prefeito Fernando Haddad. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/programa-mais-educacao-sao-paulo-1/>

⁷ Pesquisa realizada na internet. Algumas páginas visitadas foram: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ioga>; <http://www.casadoyoga.com.br/artigosdeyoga.html> ; <http://www.minhavidacom.br/fitness/materias/1426-existem-varios-tipos-de-yoga-44-um-deles-certamente-e-a-sua-cara> ; <http://www.yogasite.com.br>

também um calendário de apresentações considerando o rodízio que é feito entre os(as) professores(as) da escola para utilização da quadra principal (coberta).

Assim sendo, iniciamos as apresentações, seguindo o roteiro combinado com as crianças. Propus que as apresentações tivessem um formato semelhante a uma aula, onde as próprias crianças assumiriam a figura de professoras e que eu ficaria na posição de aluno, participando das atividades propostas pelos grupos.

As apresentações dos seminários foram bastante satisfatórias. Alguns grupos produziram cartazes e outros trouxeram inclusive objetos como velas e incensos para incrementar as apresentações. Houve algumas crianças que não apresentaram os trabalhos alegando motivos diversos, porém observei que foram bastante participativas e solidárias quanto aos trabalhos apresentados pelas(os) colegas. Ao término das apresentações, os trabalhos foram expostos nas salas e também no pátio, como forma de apresentar a mais pessoas os saberes que foram construídos e compartilhados durante as aulas.

Uma situação bastante interessante foi que, o hábito que desenvolvi de registrar fotograficamente e por vezes compartilhar algumas etapas dos trabalhos em minhas páginas pessoais das redes sociais Facebook e Instagram, rendeu-me uma entrevista e uma matéria publicada⁸ no portal da Secretaria Municipal de Educação. Entendo que foi um momento importante de valorização profissional.

Por fim, posso considerar que os trabalhos aqui relatados alcançaram os objetivos propostos, bem como as expectativas de aprendizagem, pois os diálogos feitos com as crianças e suas produções mostraram isto. Ao ousar empreender a descolonização do currículo da área, tentei também promover justiça e equidade, dando voz a representantes de manifestações corporais historicamente desprestigiadas e buscando valorizar a diversidade que caracteriza a cultura corporal.

⁸ Disponível em <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/Professor-ensina-Ioga-nas-aulas-de-Educacao-Fisica>

Referências Bibliográficas

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 6. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm . Acesso em: 10 fev. 2015.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte, 2009.

SME / DOT. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.

SME / DOT. Programa Mais Educação São Paulo: subsídios para a implantação / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2014.